

ADRIANA LISBOA

Todos os santos

ALFAGUARA



Copyright © 2019 by Adriana Lisboa

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Claudia Espínola de Carvalho

Imagem de capa

Concetto spaziale, Attese (1966), de Lucio Fontana, têmpera aguada, 61,2 x 50,2 cm.

© Lucio Fontana, AUTVIS, Brasil, 2019. Reprodução: © Christie's Images/ Bridgeman Images

Preparação

Fernanda Villa Nova

Revisão

Ana Maria Barbosa

Marise Leal

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lisboa, Adriana

Todos os santos / Adriana Lisboa. – 1ª ed. – Rio de Janeiro : Alfaguara, 2019.

ISBN 978-85-5652-090-6

I. Ficção brasileira I. Título.

19-27289

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/alfaguara.br

instagram.com/editora_alfaguara

twitter.com/alfaguara_br

às minhas amigas e aos meus amigos

Minha gratidão a Guilherme Willrich, da Universidade Estadual de Londrina, pela assessoria científica. E aos leitores das versões iniciais deste romance, pelos comentários e sugestões — sobretudo a Jordi Roca, na Agência Literária Mertin, e Marcelo Ferroni, na Companhia das Letras/Alfaguara.

*Agora sei estas coisas
de um modo que não me pertence,
como se as tivesse roubado.*

Manuel António Pina

As águas normalmente calmas da baía de Guanabara atraíram surfistas excitados com a perspectiva de ondas de seis metros de altura, ressaca no Rio de Janeiro. O mar engoliu as faixas de areia em muitas praias, e chegou a calçadas e pistas. Houve um momento em que uma onda mais forte explodiu ao nosso lado. Bem ao nosso lado. Instintivamente, recuei alguns passos. Ao olhar para você, André, vi que permanecia no mesmo lugar, e só o que fez foi fechar os olhos. Pescador pegou o veleiro e foi pescar no reino de Iemanjá.

No dia da chuva forte, o rio cresceu. Manawatū, o rio que você aprendeu a amar em pouco tempo, belo e triste, serpenteando por uns duzentos quilômetros até desembocar no mar da Tasmânia. Na terra do dia de amanhã. Na Terra da Longa Nuvem Branca.

No Rio de Janeiro de ressaca, um borrifo de mar nos seus braços. Nas suas pernas.

No dia em que o rio Manawatū inchou feito um bicho que estivesse engolindo a presa, você foi até a janela da casa, esta casa, aqui na rua Te Awe Awe. Apesar da chuva e do frio, forçou a tranca meio emperrada, abriu a vidraça. Deixou que o ruído intenso tomasse os seus ouvidos.

1

Como se você e eu tivéssemos sido trazidos até aqui pelas águas. Esse rio Manawatū nasce nas montanhas, não muito longe, e não é extenso. Ainda assim, é maior e mais antigo do que nós, e sua história nos ultrapassa em muito.

O que não terá testemunhado esse rio, André. Tem sua mitologia, da qual eu e você nunca fomos parte. Mas chegar aqui, ficar olhando para o movimento das suas águas e sentir o seu cheiro e respirar o ar impregnado com a sua umidade, tudo isso fez as vezes de aliança. Você não acha?

Manawatū. Quando digo que foi como se tivéssemos sido trazidos até aqui pelas águas, você sabe o que quero dizer. Estou sendo quase literal.

Um dia, no nosso país — esse que ficou para trás sem que tenhamos conseguido colocar outro no lugar —, o tempo era ainda de delicadeza. E era Dia de Todos os Santos.

Comum, aquele Dia de Todos os Santos. Um domingo da nossa infância. O sol tostando o Rio de Janeiro. A cidade se queixando do calor que começava, um bom estirão ainda pela frente até as águas do fim do verão. As pessoas em suas casas alongando os músculos, estalando as juntas, podendo se dar uns instantes de preguiça na cama, um pouco mais atentas ao pormenor do amor, à graça do café. Aproveitando um jornal sem pressa, um disco que se punha na vitrola, uma canção que surgia quase como que puxada de dentro do sono.

Lá em casa domingo era dia de feira. Dia de pegar a sacola de compras e ir escolher tomates, couve, aipim, abacaxi, laranjas, flores também, se possível. *Manga graúda no preço da miúda hoje!* Eu e

Mauro gostávamos de acompanhar nosso pai à feira. Ele nos deixava comprar um pacote de biscoitos de araruta. Levava duas grandes bolsas de palha, que voltavam pesadas.

E no entanto que rasteira aquele dia deu em todos nós, não foi, André? Hoje, quando olho para trás, mais de três décadas passadas, dá para ver que o bicho estava ali, nos nossos calcanhares. O bicho que dali por diante de vez em quando perigava nos alcançar e morder. Nunca estava distante demais, nem mesmo nos longos períodos em que acreditávamos tê-lo despistado.

Tem sempre um momento na vida em que esse bicho se revela, mais cedo ou mais tarde. É, e a gente tem que apertar o passo. Dizem que é assim que se começa a ficar adulto. Para nós três, foi naquele domingo.

Não quero dizer com isso, claro que não, que a gente seja escravo do próprio destino, André. Que a coisa toda já esteja traçada de antemão, que não tenhamos a opção de pegar a bifurcação à esquerda em vez de à direita, ou mesmo de virar as costas e voltar correndo pelo caminho em busca de bifurcações passadas, revê-las, reexaminá-las à luz de alguma coisa com que topamos depois. Refazer escolhas, com um pouco mais de sabedoria. Os passos da gente a gente é quem dá, você não acha?

Você não acha?

Mas o bicho nos calcanhares, esse não é opção nossa, esse bicho que sente o cheiro do medo, do suor, do sangue, e uma vez seu olfato atiado acho que nunca mais desiste da perseguição. A gente tem a impressão de que despista, pode ser até que despiste, mas dali a pouco percebe que ele está de novo no nosso encalço. Que é parte da nossa história, que já é praticamente parte do nosso corpo também. A gente corre dele, mas ele é parte da corrida.

A tragédia que vivemos naquele domingo de Todos os Santos, André: como sacudir dos nossos passos as sombras daquilo? Eu, você, sua irmã, os pais da gente, do seu lado e do meu. Como imaginar que acabaríamos enraçados desse jeito, a ponto de em algum momento já mal sabermos o que pertencia a quem? Pior: quem pertencia a quem?

Fizemos o que pudemos. Demos um jeito de reorganizar o sentido das coisas, de reencontrar um sentido para as coisas, de acomodar os nossos afetos. Décadas passadas, porém, estou aqui sozinha num dos lugares mais remotos do planeta, este lugar que era um projeto nosso, perguntando-me o que foi feito de você. Retornando ao nosso tempo compartilhado e aos nossos mundos compartilhados para ver em que momento teria sido possível efetivamente despistar o bicho. Em que momento teria sido possível segurar com mais força essas estruturas que fomos erguendo e nas quais acreditamos com tanta honestidade, por mais modestas que fossem. Abraçá-las e não deixar que ruissem. Nossa vida juntos, nosso trabalho juntos, nossos projetos. As famílias que se reconfiguraram e o drama que trancaram do lado de fora, para que fosse bater noutra freguesia. A alegria que voltamos a abonar.

Não sei muito bem, André. Só sei da falta que você faz aqui neste lugar remoto e lindo, nesta vida que não sei como continuar.

Todo início de novembro a menina da nossa escola dava a festa de aniversário na piscina do clube, a família tinha dinheiro. Convidava os colegas de classe — tanto os que eram seus amigos quanto os que não eram. Mas todos tendíamos a nos considerar seus amigos, porque convinha. Às vezes até um irmão ou irmã caçula a reboque, desfrutar da diversão e da comida grátis — como foi o caso naquele ano.

A menina das festas de aniversário no clube exercia um fascínio aterrador sobre nós. Sua vida incluía detalhes que ficavam tortos na nossa imaginação por pura falta de referência.

Férias no estrangeiro, por exemplo. Como diabos eram aquelas férias, nos perguntávamos nas manhãs de praia no Leme a que se reduziam as nossas. Indagávamos avião e Disneyworld (diabo de palavra difícil de pronunciar, aquele *rld* que não cabia na nossa boca) aos nossos racionados picolés Concorde, às nossas bicicletas surradas.

Talvez estivéssemos pensando no abstrato dessas férias de contos de fadas, minha amiga Francine e eu, ao ver o homem naquela vez debaixo de uma passarela no Aterro do Flamengo. Ele puxou para baixo um short encardido e sacudiu o pênis inchado por baixo de um tufo de pelos muito pretos, numa daquelas frágeis tardes de férias

no Rio de Janeiro. Eu e Francine, com quem eu andava de bicicleta nesse dia no Aterro, tivemos um ataque de riso, puro nervosismo. E o homem sacudindo o pênis por baixo do tufo de pelos pretos, exibindo-o para mim e para ela. E eu dizia Francine a gente não devia estar rindo. E continuávamos às gargalhadas enquanto pedalávamos com mais pressa, corações aos tropeços. E ainda olhamos para trás, veja você. E o homem continuava sacudindo o pênis.

Um tremendo prato no almoço de aniversário no clube, mais litros de guaraná. O prato era o mesmo para todos: um bife gordo, lambuzado de cebola, uma montanha de batata frita, outra montanha de arroz com aquele gosto delicioso de arroz de restaurante que nunca era igual ao do arroz feito em casa.

Não era para as crianças voltarem para a piscina logo depois do almoço, os adultos avisaram. Naturalmente, desafiamos. Aquilo de não poder entrar na água depois de comer soava a embuste. Manga com leite fazer mal, por exemplo: tinham explicado na escola que esse mito vinha dos tempos do Brasil colônia, quando as mangas abundavam mas o leite não, e os senhores de engenho não queriam os escravos bebendo leite à vontade. A advertência de que não se podia entrar na água logo depois de comer devia ter algum motivo igualmente escuso por trás. Desafiamos. Era a idade de começar a desafiar, para treinar os músculos, para saber até que ponto tínhamos condições de chegar sem levantar suspeitas.

Vi de longe sua irmã Isabel sentada na beira da piscina. Ela observava a água, os olhos perdidos lá dentro. Menina sempre tão calada, eu a achava um pouco estranha, para ser honesta. Ela não tinha entrado na piscina até então, só ficava na borda, de roupa e tudo. A gente se esbaldando a manhã inteira e ela do lado de fora sem se molhar. Calça comprida, imagine. Eu devia perguntar qualquer coisa?

Aproximei-me. Tinha acabado de comer e ainda estava obedecendo às ordens, embora pudesse ser rebelde em perfeito anonimato, se quisesse, já que a piscina do clube era grande e estava razoavelmente cheia (o uso não era exclusivo da aniversariante e de seus convidados). E a molecada já estava mesmo correndo ao redor da piscina,